A SINODALIDADE FRACASSARÁ SEM O TRABALHO INTERIOR DE TRANSFORMAÇÃO

Reflexões da Encruzilhada

Transformação, liderança e vida religiosa

REFLEXÃO N.º 3 · AGOSTO DE 2026



Fala-se muito hoje em dia sobre sinodalidade. Isso é compreensível. É a linguagem do momento. Tornou-se uma das principais formas pelas quais a Igreja está tentando falar sobre participação, escuta, responsabilidade compartilhada, discernimento e missão. Conferências de liderança em todo o mundo estão oferecendo recursos. Roma está passando do evento para a implementação. As congregações estão se perguntando o que a sinodalidade significa para os capítulos, conselhos, formação, governança, missão, convivência intercultural e colaboração com parceiros leigos. Tudo isso é bom e necessário, mas não é suficiente para que se realize o que a sinodalidade promete.

A sinodalidade fracassará caso se torne mais um termo do vocabulário eclesial que aprendemos a usar sem mudar a maneira como realmente vivemos, decidimos, escutamos, lideramos e nos entregamos. Já vimos isso antes. A Igreja tem uma longa memória para a linguagem bela e um histórico misto quando se trata de permitir que essa linguagem perturbe nossos padrões estabelecidos. Isso pode soar direto. E deve soar assim.

Porque a sinodalidade não é, em primeiro lugar, um método. Não é um processo de consulta. Não é uma série de conversas à mesa com marcadores coloridos e relatórios cuidadosamente elaborados. Esses elementos podem ajudar. Às vezes, ajudam muito. Mas a sinodalidade, em sua essência, exige uma

transformação de consciência. Ela nos pede para enxergar de maneira diferente. Pede para ouvirmos a partir de um lugar diferente. Pede para nos tornarmos um tipo diferente de comunidade. E é aí que as coisas ficam interessantes.

Muitas comunidades religiosas já conhecem a linguagem do discernimento comunitário. Elas têm capítulos, assembleias, constituições, conselhos, comitês, círculos, processos e oração. Sabem como se reunir. Sabem como elaborar declarações de orientação. Sabem como nomear valores. Mas toda comunidade também sabe disso: a existência de um processo, mesmo que bem planejado, não garante a transformação.

Uma comunidade pode realizar uma sessão de escuta e, mesmo assim, evitar a verdade. Um conselho pode pedir contribuições e já saber o que pretende fazer. Um capítulo pode falar de coragem enquanto, discretamente, protege o que não quer perder. Uma congregação pode invocar a missão e, mesmo assim, ser governada pelo medo.

Isso não é hipocrisia. Nem mesmo é má-fé. É humano. É institucional. É o que acontece quando comunidades sob pressão buscam o que lhes é familiar, especialmente quando o futuro é incerto e os riscos parecem altos. E os riscos, hoje em dia, são altos.

Os institutos religiosos estão enfrentando realidades que não são apenas teóricas. Membros envelhecidos. Menos novos ingressantes em muitas partes do mundo. Crescente complexidade multicultural. Dificuldades financeiras. Ministérios patrocinados em transição. Propriedades grandes demais para as necessidades atuais. Reservas de liderança que estão encolhendo. Sistemas de cuidado sobrecarregados. Questões missionárias que não podem mais ser respondidas repetindo o que já funcionou no passado.

Algumas comunidades estão se perguntando se podem continuar como estão. Outras estão se perguntando o que deve ser abandonado. Outras ainda estão se perguntando o que pode ser confiado a outros. Algumas estão se perguntando se a diminuição é o fim da história, se devem chegar à conclusão ou se ainda há um chamado mais profundo oculto nisso tudo.

Há um convite mais profundo.

Mas ele não será encontrado apenas pela gestão. Gestão, orçamentos, direito canônico e direito civil são importantes. Estruturas de patrocínio são importantes. Recursos humanos, cuidados aos idosos, proteção, planejamento patrimonial e desenvolvimento de liderança – tudo isso é importante. Não há virtude em fingir que essas preocupações práticas são superficiais ou indignas de nós. Elas não são. Fazem parte do terreno.

Mas a sinodalidade exige algo mais do que uma administração competente. Ela questiona se nossas formas de liderar e decidir são capazes de acolher e cooperar com a graça. Ela questiona se nossas estruturas são projetadas apenas para o controle e a continuidade, ou se também podem abrigar o luto, a imaginação, a verdade, o conflito e o surgimento gradual de algo novo. Esse é um trabalho interior. E, sem ele, a sinodalidade se torna meramente decorativa.

O trabalho interior de transformação envolve cinco movimentos ou processos dinâmicos que nos ajudam a cooperar com a graça. O primeiro é uma mudança de consciência que se inicia quando uma comunidade começa a examinar as narrativas que a regem. Toda congregação possui narrativas oficiais. São as histórias contadas em declarações de missão, materiais vocacionais e documentos capitulares. Elas são importantes. Elas carregam memória e identidade.

Mas as comunidades também têm narrativas ocultas. “Somos muito velhos e poucos.” “Já tentamos isso.” “Os membros mais jovens não valorizam o que construímos.” “Os membros mais velhos nunca vão mudar.” “Não podemos falar sobre isso.” “A liderança já decidiu.” “Se dissermos a verdade, as pessoas vão desmoronar.”

Essas narrativas ocultas são poderosas. Elas moldam o que pode ser imaginado e o que não pode. Determinam quem fala e quem permanece em silêncio. Influenciam se um conselho lidera com coragem ou com cautela disfarçada de prudência.

A sinodalidade exige uma nova narrativa.

Não uma fantasia. Não um otimismo institucional. Uma narrativa verdadeira. Uma narrativa ampla o suficiente para abrigar tanto o luto quanto a generatividade. Uma narrativa honesta o suficiente para dizer: "Não somos mais quem éramos", sem cair no desânimo de "Estamos acabados". Uma narrativa fiel o suficiente para perguntar: "O que Deus está fazendo agora?", sem precisar que a resposta se assemelhe ao que Deus estava fazendo há cinquenta anos. É por isso que a transformação da consciência não é um luxo. É a porta de entrada.

O segundo movimento dinâmico é assumir a voz interior. Para os indivíduos, isso significa aprender a falar a partir do eu mais profundo, em vez de a partir de um papel, do medo, do conformismo ou do ressentimento. Para as comunidades, significa tirar as máscaras e recuperar a voz coletiva do carisma, do pertencimento e da intimidade.

Muitas pessoas na vida religiosa foram treinadas, às vezes sutilmente e às vezes explicitamente, a serem agradáveis. A serem gentis. A preservarem a harmonia. A evitarem dificultar as coisas para a liderança. A esperar, ceder e suportar. Há bondade na moderação. Há também perigo nela.

O discernimento comunitário não é favorecido quando as pessoas ocultam educadamente o que todos precisam ouvir. Tampouco é favorecido quando a conversa verdadeira só surge em estacionamentos, refeitórios, conversas paralelas ou e-mails enviados após a reunião.

A sinodalidade exige uma voz mais madura. Uma voz capaz de falar a verdade sem violência. Uma voz capaz de nomear o medo sem se deixar dominar por ele. Uma voz capaz de dizer "Discordo" e ainda assim permanecer em comunhão. Uma voz capaz de dizer "Estou de luto", sem exigir que a comunidade pare de avançar. Uma voz capaz de dizer "Algo novo está nos chamando", mesmo quando esse algo novo ainda não está claro.

Esse tipo de voz se forma.

Ela não surge simplesmente porque colocamos as pessoas em mesas redondas.

O terceiro movimento dinâmico é a reconciliação e a cura. Essa talvez seja a dimensão mais negligenciada da prática sinodal. As comunidades muitas vezes tentam discernir o futuro enquanto carregam feridas não curadas do passado. Conflitos antigos. Decepções com a liderança. Feridas culturais. Desconfiança entre gerações. Divisões regionais. Experiências de ter sido menosprezado, controlado, humilhado, ignorado ou excluído. Há muita bagagem.

Essas feridas não desaparecem só porque a pauta mudou. Elas permanecem na sala. Às vezes, permanecem em silêncio. Elas moldam o clima da conversa. Determinam quem confia e fala com quem. Decidem quanto risco uma comunidade pode assumir. Fazem com que algumas propostas pareçam perigosas antes mesmo de serem consideradas. Determinam quem é valorizado e acreditado, e quem não é. Com muita frequência, essas feridas levam à triangulação: membros conversando com a liderança em vez de se voltarem uns para os outros e realizarem o árduo trabalho de reconciliação.

É por isso que a reconciliação e a cura não são habilidades opcionais para a liderança sinodal. Esse trabalho é fundamental. Os líderes fortes de hoje não estão simplesmente gerenciando tarefas. Eles estão sustentando

e acompanhando as comunidades em momentos de transição. Estão ajudando as pessoas a metabolizar a perda. Estão convidando à participação sem abrir mão da responsabilidade. Estão criando espaços de contenção, espaços seguros, onde a verdade possa ser dita sem ser usada como arma. Esse é um trabalho difícil. Não é de se admirar que tantos líderes estejam cansados.

O quarto movimento dinâmico é a experimentação e o aprendizado. A sinodalidade não se prova pela beleza com que uma comunidade fala sobre participação. Ela se prova pela disposição da comunidade em experimentar novas formas de viver seu carisma.

Pequenos experimentos importam. Uma nova forma de liderança compartilhada. Uma colaboração piloto com outra congregação. Um uso repensado dos bens imobiliários. Uma nova maneira de envolver parceiros leigos no discernimento missionário. Um ritmo diferente para a reflexão do conselho. Uma conversa intercultural que vai além da celebração, abordando o trabalho mais árduo relacionado ao poder, ao sentimento de pertencimento e à conversão mútua. Um processo capitular que faz menos perguntas abstratas e mais perguntas de impacto, com mais espaço para o diálogo aprofundado e menos para relatórios extensos.

Os experimentos são importantes porque tiram a comunidade de deliberações intermináveis e a levam além do status quo. Elas geram aprendizado. Reduzem a fantasia de que o futuro chegará totalmente formado antes que alguém precise arriscar alguma coisa. Isso não vai acontecer. O futuro geralmente é descoberto caminhando em direção a ele. De forma desajeitada, no início.

O quinto movimento dinâmico é a visão transformadora. Isso vai além do planejamento estratégico. O planejamento estratégico pergunta: “Que metas devemos perseguir?” A visão transformadora pergunta: “Que futuro está tentando nos levar além de nós mesmos?” Essa é uma pergunta diferente.

Exige atenção ao apelo e ao amor de Deus. Exige imaginação. Exige luto, porque toda visão real nos pede para deixar algo para trás. Exige coragem, porque o futuro que está surgindo raramente vem com instruções completas. Exige discernimento pessoal e comunitário, não votação por cédula secreta.

Muitas congregações encontram-se agora em uma encruzilhada onde os mapas antigos não servem mais. A tentação é buscar com mais afinco um mapa melhor — esforçar-se mais, em vez de agir de maneira diferente. Mas talvez o convite mais profundo seja nos tornarmos o tipo de pessoas que podem viajar sem um mapa. Talvez seja isso que a sinodalidade realmente está nos pedindo. Não simplesmente reuniões melhores. Não apenas uma consulta mais ampla. Não um estilo mais suave de governança.

A sinodalidade nos pergunta se podemos nos tornar comunidades de discernimento em uma época de desintegração e surgimento. Comunidades capazes de ouvir a Deus, uns aos outros, ao clamor do mundo e à sabedoria silenciosa que brota de dentro do próprio corpo. Os temas da sinodalidade são colaboração, corresponsabilidade, discernimento e experimentação (ad experimentum).

Isso exigirá novos modelos de liderança. Sim. Exigirá novas formas de governança. Sim. Exigirá colaboração, transições de patrocínio, formação intercultural, planejamento de cuidados aos idosos e parcerias missionárias. Sim a tudo isso. Mas, por trás de tudo isso, está a questão mais difícil.

Estamos dispostos a nos transformar?

Porque não se pode impor por lei a conversão ou a transformação. Sem essa disposição, a sinodalidade será absorvida pelo sistema antigo. Será usada para abençoar o que já pretendíamos fazer. Ela se tornará mais um programa. Mais um tema. Mais um documento. Mais uma conversa cuidadosamente facilitada que muda muito pouco.

Mas, com o trabalho interior de transformação, a sinodalidade pode se tornar outra coisa. Pode se tornar uma escola de conversão. Uma maneira de recuperar a coragem comunitária. Um caminho através da diminuição que não nega a perda e não a idolatra. Uma maneira de permitir que o carisma respire novamente de formas que não esperávamos. Uma maneira de ouvir o futuro que Deus já está se empenhando em trazer à luz entre nós.

Então, talvez a pergunta para conselhos, capítulos e comunidades não seja simplesmente: “Como nos tornamos mais sinodais?” Talvez a melhor pergunta seja esta: Que trabalho interior estamos evitando que torna a sinodalidade necessária em primeiro lugar? Essa pergunta não se encaixará perfeitamente em uma tabela de planejamento. Ótimo. Algumas perguntas não devem se comportar.

Para reflexão

- Que capacidades internas estamos presumindo em nossos membros e líderes, mas que, na verdade, não estamos desenvolvendo?
- Em que situações estamos usando linguagem sinodal enquanto preservamos velhos padrões de controle, evasão, passividade ou polidez?
- Como seria a governança se fosse projetada para o discernimento, e não apenas para a gestão?
- Que luto precisa ser honrado antes que nossa comunidade possa imaginar livremente o futuro?
- Que pequena experiência poderia nos ajudar a encontrar o caminho para o próximo passo fiel?

Outras reflexões virão nos próximos meses.

Ted Dunn, Ph.D.
Graced Crossroads
www.gracedcrossroads.com

Veja também: The Inner Work of Transformation: A Guide for Personal Reflection and Communal Sharing. CCS Publications, 2021.
e
Triangulation and the Misuse of Power: A Dance of Victims, Villains and Rescuers. Human Development, Spring 2006.
Pathways for the Implementation Phase of the Synod. Vatican City: General Secretariat of the Synod, July 7, 2025.